

LAINI TAYLOR

SONHOS DE DEUSES E MONSTROS

Tradução de Elsa T. S. Vieira

1

Gelado de pesadelos

Nervos a palpitar e sangue a ferver, selvagem e devastador, a perseguir e a devorar, e terrível, terrível, terrível...

– Eliza. *Eliza!*

Uma voz. Uma luz forte e Eliza caiu, despertando. Fora essa a sensação: como se caísse e aterrassse com força.

– Foi um sonho – ouviu-se a si própria a justificar. – Foi só um sonho. Está tudo bem.

Quantas vezes, ao longo da vida, repetira aquelas palavras? Nem se lembrava. No entanto, era a primeira vez que o fazia a um homem que irrompera pelo seu quarto como um herói, de martelo em punho, pronto a salvá-la de ser assassinada.

– Estavas... a gritar – retorquiu o companheiro de casa, Gabriel, enquanto, desgrenhado e alerta, com ar maníaco, o martelo bem erguido e a postos, olhava de um lado para outro sem ver sinais de assassinos. – A gritar *mesmo*.

– Eu sei – respondeu Eliza, com a garganta dorida. – Às vezes acontece. – Sentou-se na cama. O bater do seu coração parecia tiros de canhão: um som sinistro e profundo que ecoava por todo o corpo; embora tivesse a boca seca e a respiração ofegante, tentou falar em tom casual. – Desculpa se te acordei.

Gabriel pestanejou e baixou o martelo.

– É que nunca ouvi ninguém gritar assim na vida real. Foi um grito de filme de terror.

Parecia um bocadinho impressionado. *Vai-te embora*, era o que Eliza lhe queria pedir. *Por favor*. As mãos começaram-lhe a tremer. Em breve deixaria de conseguir controlar-se, e não queria testemunhas. A quebra de adrenalina depois do pesadelo podia ser bastante má.

– Garanto-te que estou bem. Tu também? Eu só...

Raios.

Tremores. Pressão a aumentar, o ardor por trás das pálpebras, e ela sem conseguir controlar-se.

Raios, raios, raios.

Dobrou-se sobre si própria e escondeu o rosto na colcha enquanto os soluços vinham ao de cima e a dominavam. Por pior que o sonho fosse – e era *mau* –, o rescaldo era sempre pior, porque estava consciente, mas, apesar disso, impotente. O terror – o terror, *o terror* – persistia, e havia mais qualquer coisa. Vinha sempre com o sonho e não se dissipava com ele; ficava para trás, como destroços deixados pela maré, um cadáver monstruoso e fétido a apodrecer na praia da sua mente. O *remorso*. Mas, céus! essa era uma palavra demasiado branda para o descrever. A sensação com que o sonho a deixava era de facas de pânico e horror cravadas numa ferida infetada e purulenta de *culpa*.

Culpa de quê? Essa era a parte pior. Era... indizível, e imensa. Imensamente descomedida. Nunca fora feito nada pior em todo o tempo e em todo o espaço, e a culpa pertencia-lhe por inteiro. Era impossível e, com algum distanciamento do sonho, Eliza conseguia pô-la de lado, considerá-la ridícula.

Ela não fizera, nem nunca faria... *aquilo*.

No entanto, quando o sonho a envolvia, nada disso importava – nem a razão, nem o bom senso, nem sequer as leis da física. O terror e a culpa abafavam tudo o resto.

Era horrível.

Quando os soluços finalmente acalmaram e levantou a cabeça, Gabriel estava sentado à beira da cama com uma expressão condoída e alarmada. Havia em Gabriel Edinger um ar de cortesia insolente que sugeria um futuro de gravatas de laço (talvez até um monóculo): era neurocientista, provavelmente a pessoa mais inteligente que Eliza conhecia, e com certeza uma das mais simpáticas. Ambos eram bolseiros de investigação no Museu Nacional de História Natural do Smithsonian – o MNHN – e tinham estabelecido uma relação amigável, embora não fossem propriamente *amigos*, ao longo do último ano, até que a namorada de Gabriel se mudara para Nova Iorque para fazer a pós-graduação e ele precisara de uma pessoa com quem dividir a renda de casa. Eliza sabia que era um risco misturar a vida pessoal com a vida profissional, precisamente por aquele motivo. O *sonho*.

Gritos. Tremores. Soluços.

Se alguém estivesse interessado, não teria de se esforçar muito para de-senterrar a *magnitude de anormalidade* em cima da qual construía a sua vida. Por vezes parecia-lhe que era como colocar tábuas sobre areias mo-vedças. Mas uma vez que o sonho já não a incomodava há algum tempo, cederá à tentação de fingir que era uma rapariga normal, apenas com as preocupações habituais de qualquer bolseira de vinte e quatro anos com um orçamento apertado: a pressão da dissertação, o colega de laboratório chato, as propostas para subsídios, a renda.

Monstros.

– Desculpa – pediu a Gabriel. – Acho que já passou.

– Ótimo. – Depois de uma pausa desconfortável, o rapaz ofereceu, num tom animado: – Uma chávena de chá?

Chá. Aí estava um agradável vislumbre de normalidade.

– Sim – respondeu Eliza. – Obrigada.

Quando Gabriel saiu para pôr a chaleira ao lume, recompôs-se. Enfiou o roupão, lavou a cara, assoou-se, viu-se ao espelho. Estava inchada e com os olhos vermelhos. Fantástico. Normalmente tinha olhos bonitos. Estava habituada a ouvir desconhecidos elogiarem-lhos. Eram grandes e brilhantes – pelo menos quando não estavam injetados de sangue de tanto chorar –, com pestanas compridas e de um castanho bastante mais claro do que a sua pele, o que fazia com que parecessem reluzir. Naquele momento, reparou com um arrepio que pareciam um pouco... loucos.

– Não és louca – garantiu ao seu reflexo, e as palavras tinham o eco de uma afirmação feita habitualmente; uma garantia necessária e repetida com frequência. *Não és louca e não vais enlouquecer.*

Por trás, surgiu outro pensamento, ainda mais desesperado.

Não me acontecerá, não a mim. Sou mais forte do que os outros.

Normalmente conseguia acreditar naquilo.

Quando se juntou a Gabriel na cozinha, o relógio do forno marcava quatro da manhã. O chá estava na mesa, bem como uma caixa de gelado, aberta, com uma colher espetada.

– Gelado de pesadelos. Uma tradição de família – explicou o jovem, apontando para a caixa.

– A sério?

– Por acaso, sim.

Eliza tentou por um momento imaginar a sua família a reagir ao sonho com gelado, mas não conseguiu. O contraste era demasiado forte. Pegou na colher.

– Obrigada – agradeceu. Comeu um pouco em silêncio, bebeu um gole de chá, sempre tensa, à espera das perguntas que certamente deviam estar a começar.

«Com o que é que sonhas, Eliza?»

«Como queres que te ajude se não falas comigo, Eliza?»

«O que se passa contigo, Eliza?»

Já as ouvira a todas.

– Estavas a sonhar com o Morgan Toth, não era? – perguntou Gabriel.

– Com o Morgan Toth e os seus lábios esponjosos?

Bom, *aquela* pergunta nunca ouvira. Apesar de tudo, Eliza riu-se. Morgan Toth era a sua némesis e os lábios dele seriam um bom motivo para ter pesadelos; mas não, a verdade estava muito longe disso.

– Não quero falar no assunto – declarou.

– No quê? – perguntou Gabriel com ar inocente. – Que «assunto» é esse a que te referes?

– Muito engraçado. Mas estou a falar a sério. Desculpa.

– Está bem.

Mais uma colherada de gelado, mais um silêncio interrompido por outra não-pergunta.

– Quando era pequeno tinha muitos pesadelos – comentou Gabriel.

– Durou cerca de um ano. Pelo que os meus pais contam, a vida normal ficou basicamente suspensa. Eu tinha medo de adormecer e arranjei uma data de rituais. Até tentei fazer ofertas aos pesadelos: os meus brinquedos preferidos, comida, etc. Ao que parece, uma vez ouviram-me oferecer o meu irmão mais velho em meu lugar. Não me lembro disso, mas ele jura que é verdade.

– Oferecê-lo a quem? – perguntou Eliza.

– A *eles*. Aos do sonho.

Eles.

Uma centelha de reconhecimento, de esperança. Esperança parva. Eliza também tinha um «eles». Racionalmente sabia que eram uma criação da sua mente e não existiam em mais lado nenhum, mas no rescaldo do sonho nem sempre conseguia manter a racionalidade. Antes de pensar no que estava a fazer, perguntou:

– O que eram *eles*?

Se não queria falar sobre o seu sonho, não devia estar a meter-se nos de Gabriel. Era uma regra dos segredos, na qual era bem versada: *Não perguntes se não queres ter de responder*.

– Monstros – enunciou o rapaz com um encolher de ombros e, sem mais, Eliza perdeu o interesse. Não por Gabriel ter mencionado monstros, mas pelo seu tom de *naturalmente*. Qualquer pessoa que conseguisse proferir tal palavra naquele tom descontraído decididamente nunca conhecera os dela.

– Sabes que ser perseguido é um dos sonhos mais comuns? – comentou Gabriel, começando a explicar-lhe porquê. Eliza bebeu o chá e comeu uma colher de gelado de vez em quando, acenando com a cabeça nos momentos certos, mas deixara de lhe prestar atenção. Há muito tempo que pesquisara minuciosamente o que existia sobre análise de sonhos. Nunca a ajudara antes e não estava a ajudá-la agora, e quando Gabriel concluiu com «são uma manifestação dos nossos medos» e «*toda a gente os tem*», o seu tom era simultaneamente conciliador e pedante, como se tivesse acabado de resolver o problema dela.

O que Eliza realmente queria responder-lhe era: *E suponho que toda a gente tem de pôr um pacemaker aos sete anos de idade porque as «manifestações dos seus medos» estão sempre a causar-lhe arritmias cardíacas?* Mas não o fez, porque esse era precisamente o tipo de facto memorável bom para repetir em festas.

Sabiam que a Eliza Jones teve de pôr um pacemaker aos sete anos porque os pesadelos lhe causavam arritmias cardíacas?

A sério? Que loucura!

– Então... o que é que te aconteceu? – perguntou a Gabriel. – Ou melhor, aos teus monstros?

– Oh, levaram o meu irmão e deixaram-me em paz. Tenho de lhes sacrificar uma cabra todos os anos, no dia de São Miguel, mas é um pequeno preço a pagar por uma boa noite de sono.

Eliza riu-se.

– Onde é que arranjas as cabras? – perguntou, entrando na brincadeira.

– Numa quinta em Maryland. Cabras sacrificiais certificadas. Também têm cordeiros, para quem preferir.

– Claro que sim. E porquê no dia de São Miguel?

– Não faço ideia. Foi o que me saiu.

Eliza sentiu um momento de gratidão por Gabriel não a ter pressionado; na verdade, o gelado, o chá e até a irritação com a tagarelice erudita do amigo tinham ajudado a suavizar o rescaldo do sonho. Estava a rir-se, e isso já era alguma coisa.

Depois o seu telemóvel vibrou em cima da mesa.

Quem é que estaria a ligar-lhe às quatro da manhã? Pegou no aparelho...
... e largou-o quando viu o número no ecrã – ou, possivelmente, *atirou-o*. Com um baque, o telemóvel bateu no armário e ressaltou para o chão. Por um segundo, teve esperança de ter acabado com ele. Ficou caído no chão, silencioso. Morto. E logo a seguir – *bzzz* – vivo.

Quem diria que podia ter tanta pena de não ter partido o telemóvel?

Era o número. Apenas os algarismos. Sem nome. Não aparecia nome nenhum porque Eliza não tinha *aquele número* gravado no telefone. Nem sequer sabia que ainda se lembrava dele, e quando o viu foi como se sempre tivesse lá estado, a cada momento da sua vida desde... desde que escapara. Estava tudo ali, ali mesmo. O choque foi imediato e visceral e os anos em nada o tinham atenuado.

– Tudo bem? – perguntou Gabriel, inclinando-se para apanhar o aparelho.

Quase gritou *Não lhe toques!*, mas sabia que isso era irracional e conteve-se a tempo. Não ergueu a mão quando Gabriel lhe estendeu o telemóvel e teve de o pousar em cima da mesa, ainda a zumbir.

Olhou para o aparelho. Como é que a tinham encontrado? Como? Mudara de nome. *Desaparecera*. Saberiam onde estava desde o início? Tê-la-iam vigiado todo aquele tempo? A ideia de que todos aqueles anos de liberdade não tinham passado de uma ilusão horrorizou-a.

O zumbido parou. A chamada foi para o gravador de mensagens e o coração de Eliza estava de novo a bater como tiros de canhão: rajada após rajada, fazendo-a estremecer. Quem seria? A irmã? Ou um dos «tios»?

A mãe?

Quem quer que fosse, Eliza não precisou de pensar muito se deixariam mensagem – ou se se atreveria a ouvi-la caso deixassem – porque o telefone zumbiu outra vez. Desta feita, era uma mensagem de texto.

Dizia: *Liga a televisão*.

Liga a?...

Eliza ergueu os olhos do telefone, profundamente perturbada. *Porquê?* O que queriam eles que visse? Nem sequer tinha televisão. Gabriel observava-a atentamente e os seus olhos cruzaram-se no momento em que ouviram o primeiro grito. Eliza quase saltou da cadeira. Lá fora, algures, soou um longo grito ininteligível. Ou seria ali dentro? Parecia bastante alto. Era dentro do edifício. Esperem. Agora era outra pessoa. Que raio se estava a passar? As pessoas estavam a gritar de... choque? Alegria? Horror? E depois o telemóvel de Gabriel começou a vibrar também e o de

Eliza recebeu uma sucessão de mensagens – *bzzz bzzz bzzz bzzz bzzz*. De amigos desta vez, incluindo Taj, em Londres, e Catherine, em trabalho de campo na África do Sul. As palavras variavam, mas eram todas versões da mesma ordem assustadora: *Liga a televisão*.

Estás a ver isto?

Acorda. TV. Já.

Até à última mensagem. Aquela que fez Eliza enrolar-se em posição fetal e deixar de existir.

Volta para casa, pedia. Nós perdoamos-te.

2

A Chegada

Apareceram numa sexta-feira, em plena luz do dia, no céu sobre o Uzbequistão, e foram avistados pela primeira vez na antiga cidade de Samarkand, na Rota da Seda, onde uma equipa de repórteres se apressou a transmitir imagens dos... Visitantes.

Anjos.

Em fileiras impecáveis de falanges, eram fáceis de contar. Vinte blocos de cinquenta: *mil anjos*. Viraram para oeste, suficientemente perto do solo para que as pessoas em cima dos telhados e nas estradas pudessem distinguir o ondular da seda branca dos seus estandartes e escutar o som trinado e trémulo das harpas.

Harpas.

As imagens correram mundo. Por todo o globo, programas de rádio e televisão foram interrompidos; apresentadores correram para as suas secretárias, ofegantes e sem guião. Excitação, terror. Olhos esbugalhados, vozes agudas e estranhas. Por todo o lado, telefones tocaram e calaram-se abruptamente num grande silêncio global quando as torres de telemóvel se foram abaixo com a sobrecarga. A fatia do planeta que estava adormecida acordou. As ligações de Internet falharam. Pessoas procuraram pessoas. As ruas encheram-se de gente. Vozes uniram-se e competiram, subindo e baixando. Houve distúrbios. Canções. Motins.

Mortes.

Houve nascimentos, também. Os bebés nascidos durante a Chegada foram batizados de «querubins» por um locutor de rádio, que foi também o responsável pelo rumor de que todos tinham um sinal de nascimento em forma de pena algures no pequeno corpo. Não era verdade, mas os bebés seriam observados com muita atenção, em busca de sinais de beatitude ou poderes mágicos.

Neste dia da história humana – nove de agosto – o tempo dividiu-se abruptamente entre o «antes» e o «depois», e ninguém esqueceria onde estava quando «aquilo» começou.

*

Kazimir Andrasko, ator, fantasma, vampiro e idiota, conseguiu dormir durante todo o acontecimento, mas afirmaria mais tarde ter perdido os sentidos enquanto lia Nietzsche – no momento exato da Chegada, conforme percebera – e tido uma visão do fim do mundo. Era o princípio de um plano grandioso, porém mal estruturado, que em breve teria um fim desapontante assim que Kazimir se apercebeu do trabalho que dava fundar um culto.

*

Zuzana Nováková e Mikolas Vavra encontravam-se em Aït Benhadou, o *kasbah* mais famoso de Marrocos. Mik acabara de regatear o preço de um anel de prata antigo – talvez antigo, talvez de prata, sem dúvida um anel – quando foram apanhados no burburinho súbito; Mik enfiou o anel no bolso, onde ficaria, em segredo, durante algum tempo.

Numa cozinha comunitária apertaram-se atrás dos locais e assistiram às notícias em árabe. Embora não conseguissem compreender os comentários dos repórteres nem as exclamações ansiosas à sua volta, apenas eles possuíam o contexto do que estavam a ver. Sabiam o que os anjos eram, ou melhor, o que não eram. No entanto, isso não diminuiu o choque de ver o céu repleto deles.

Tantos!

Foi ideia de Zuzana «libertar» a carrinha que estava parada, com o motor ligado, em frente de um restaurante turístico. Naquela altura, a trama quotidiana da realidade estava tão esticada que o roubo de uma viatura parecia insignificante. Era simples: Zuze sabia que Karou não tinha acesso às notícias do mundo, portanto precisava de a avisar. Se fosse necessário, teria até roubado um helicóptero.

*

Esther Van de Vloet, negociante de diamantes aposentada, antiga parceira de negócios de Brimstone e avó substituta ocasional da sua protegida humana, andava a passear os seus mastins perto de casa, em Antuérpia, quando os sinos da igreja de Nossa Senhora começaram a tocar. Não era a hora certa e, mesmo que fosse, aquele clangor desafinado era frenético, praticamente histérico. Esther, que não tinha um osso frenético ou histérico em todo o corpo, estava à espera de que algo assim acontecesse desde que uma marca de mão negra se incendiara numa porta em Bruxelas, transformando-a em cinzas. Assim que chegou à conclusão de que a espera terminara, regressou a casa em passo rápido, ladeada pelos dois cães.

*

Eliza Jones assistiu aos primeiros minutos da transmissão em direto no portátil do seu companheiro de casa, mas quando o servidor foi abaixo vestiram-se à pressa, enfiaram-se no carro de Gabriel e foram até ao museu. Embora fosse cedo, não eram os primeiros a chegar, e os colegas continuaram a entrar atrás deles e a acumular-se em volta de um ecrã de televisão num laboratório da cave.

Estavam aturdidos e estupidificados e incrédulos, tomados de uma afronta racional por um evento como aquele ousar desenrolar-se no céu do mundo natural. Era um embuste, claro. Se os anjos *existissem* – o que era ridículo – não seriam um bocadinho menos parecidos com as imagens dos livros da catequese?

Era demasiado perfeito. Só podia ser encenado.

– Poupem-me com as harpas – troçou um paleobiólogo. – Que exagero!

No entanto, aquela certeza exterior era minada por uma tensão real, porque nenhum deles era estúpido e havia falhas óbvias na teoria do embuste, falhas essas que se tornavam cada vez mais claras à medida que os helicópteros dos repórteres se atreviam a aproximar-se da hoste voadora e as imagens transmitidas ficavam mais nítidas e menos equívocas.

Ninguém queria admitir, mas parecia... real.

As asas, para começar. Tinham à vontade uns três metros e meio de envergadura e cada pena era uma chama individual. O bater fluido, a graciosidade e a força inexprimível do seu voo estava para além de qualquer tecnologia imaginável.

– Talvez seja a transmissão que é falsa – sugeriu Gabriel. – Pode ser à base de efeitos especiais. *A Guerra dos Mundos* para o século vinte e um.

Houve alguns murmúrios, mas ninguém parecia estar muito convencido.

Eliza observou, em silêncio. O seu terror era de uma espécie diferente do dos outros, muito mais... avançado. Tinha razões para isso. Afinal, era um terror que crescera com ela ao longo de toda a sua vida.

Anjos.

Anjos. Depois do incidente em Praga, alguns meses antes, conseguira agarrar-se a uma muleta de ceticismo, pelo menos a suficiente para a impedir de cair. Na altura, pudera convencer-se de que fora falso: três anjos rapidamente desaparecidos, sem deixarem provas da sua presença. Parecia-lhe agora que o mundo aguardara, de respiração suspensa, por uma manifestação que estivesse para lá de qualquer possibilidade de dúvida. Tal como ela. Pois bem, ali estava.

Pensou no telemóvel que deixara intencionalmente em casa, e perguntou a si própria que novas mensagens a aguardariam. Recordou-se do extraordinário poder sombrio do qual fugira durante a noite, no seu sonho. O estômago de Eliza contraiu-se e sentiu, debaixo dos pés, o oscilar das tábuas que colocara sobre a areia movediça dessa outra vida. Pensara que podia escapar? Estava ali, sempre ali estivera, e a vida que construíra parecia-lhe agora tão sólida como um bairro de lata na encosta de um vulcão em erupção.